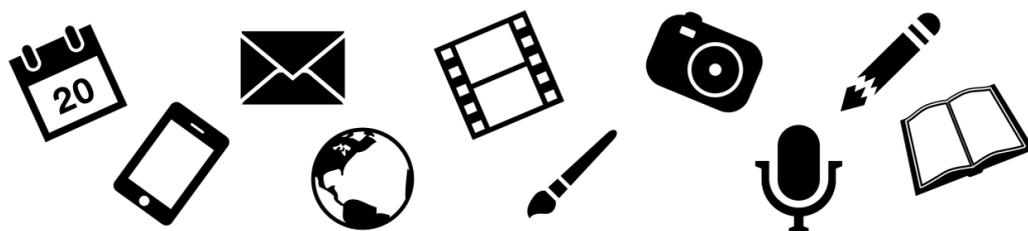




**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

16 e 17 de abril de 2022

Notícias do Dia

Capa e Especial ND

“As tradições açorianas da Páscoa reverberam no litoral catarinense”

As tradições açorianas da Páscoa reverberam no litoral catarinense / Francisco do Vale Pereira / NEA / Núcleo de Estudos Açorianos / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina

TRADIÇÕES DA PÁSCOA

Herança açoriana no litoral catarinense

Celebrações católicas da Semana Santa foram trazidas para cá pelos imigrantes que chegaram há 274 anos. PÁGINAS 3 A 5

FOTOS DIVULGAÇÃO/ND



Bacalhau (à esq.) e folares, comidas típicas da Semana Santa

Uma das tradições mais antigas dos Açores são as Romarias na Ilha de São Miguel

As tradições açorianas da Páscoa reverberam no litoral catarinense

Muitas das *celebrações católicas realizadas nas terras de cá tiveram origem nas terras de lá*, em especial nas ilhas do arquipélago de onde vieram as primeiras levas de imigrantes há 274 anos

Carolina Coral
Especial para o ND

A celebração da Páscoa cristã é uma das festividades mais importantes para as famílias açorianas e seus descendentes. Domingo de Páscoa é para muitos um momento de comunhão em família, em que as diferenças são deixadas de lado e celebra-se a ressurreição de Jesus Cristo e a renovação da fé.

Para o historiador Francisco do Vale Pereira, do NEA (Núcleo de Estudos Açorianos) da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), a Páscoa é um momento de introspecção e de reflexão sobre a vida. Ele explica que todos os elementos dessa data estão repletos de significados. “O ovo da Páscoa, por exemplo, está relacionado à fertilidade, ao nascimento e também à renovação da vida.”

O historiador revela que na Sexta-feira Santa, na tradição cristã, deve-se comer peixe, e tanto nos Açores como em Portugal continental o bacalhau é o mais escolhido. Aqui, comemos peixe e também bacalhau, mas a diferença é que o bacalhau daqui é feito de abrótea.

Além disso, para o historiador, este é um dia de interiorização, embora a tradição tenha sido deixada um pouco de lado. Lembra que antigamente, as famílias açorianas, bem como

seus descendentes, tinham o hábito de não pescar, não ir à roça, nem mesmo varrer a casa, ou seja, não praticar nenhuma atividade que demandasse esforço. Apenas aquelas que mantivessem vínculo com o sagrado.

Francisco morou durante dois anos na ilha açoriana de São Miguel, na cidade de Ponta Delgada, onde participou do curso altos estudos da história insular e atlântica, do século 15 ao 20, na Universidade dos Açores.

E aprendeu muito sobre a história dos arquipélagos dos Açores, destacando a importância da posição estratégica dessas ilhas para as navegações do Atlântico Norte.

E a religiosidade também foi fundamental para a vinda dos açorianos para Santa Catarina. “Quando os colonizadores chegaram a essas terras, era um mundo desconhecido. Passaram por inúmeras dificuldades até formar as primeiras comunidades, por isso a fé cristã ajudou tanto na fundação das cidades como na comunhão das famílias que vinham de diversas localidades celebrar as festividades cristãs nas paróquias”, lembra.

Celebrações como a Páscoa tornavam-se um momento em que as famílias não apenas se uniam, mas também trocavam várias informações entre si e prestavam apoio aos que necessitavam de amparo.

“A religiosidade nas ilhas açorianas é algo profundo na alma daquele povo, pois, por serem habitantes dessas ilhas vulcânicas e oceânicas, estão muito sujeitos às intempéries, como erupções vulcânicas, terremotos e fortes tempestades. Por isso, são muito agarrados à proteção divina e à fé cristã.”

Francisco do Vale Pereira,
historiador do NEA
(Núcleo de Estudos Açorianos) da UFSC



Na Ilha de São Miguel, homens e meninos percorrem o território por uma semana na quaresma, uma tradição de cinco séculos



Lava-pés em Lajes das Flores, na Ilha das Flores, nesta sexta-feira

Leia mais nas
páginas
4 e 5

Abstinência de carne, hábito que já foi levado mais a sério

Entre 1747 e 1754, mais de 6.000 açorianos migraram para o Sul do Brasil, e 4.500 deles se estabeleceram em Santa Catarina. Apesar da distância entre Florianópolis e o arquipélago das ilhas vulcânicas dos Açores, ambos carregam as mesmas raízes culturais e religiosas, principalmente as tradições católicas como a Páscoa.

“A ligação religiosa entre esses dois lugares é muito forte e tem origem no catolicismo ibérico. Os católicos açorianos e seus descendentes dão muito valor ao período da quaresma, ao jejum e

à abstinência de carne, às romarias e aos preparos em torno da Sexta-feira Santa, bem como à celebração em família no Domingo de Páscoa”, explica o historiador Sérgio Luiz Ferreira, que já esteve sete vezes nos Açores para participar de congressos sobre a cultura açoriana e também para receber uma honraria à Casa dos Açores de Santa Catarina.

ROMARIAS

Embora as celebrações em torno da Páscoa tenham suas similaridades aqui e lá, elas também preservam as particularidades

de cada ilha açoriana. O historiador observa que aqui em Santa Catarina contamos com duas importantes romarias durante a semana da quaresma, uma no bairro de Azambuja, no município de Brusque, e outra em Angelina, na Grande Florianópolis.

Nos Açores, a romaria mais conhecida é a da Ilha de São Miguel, tradição que ocorre há 500 anos e da qual participam apenas homens e meninos que, durante uma semana, percorrem o caminho ao redor da ilha caminhando e rezando o Pai-Nosso e a Ave-Maria.

Os hábitos de colher macela e malhar o Judas

E Sexta-feira Santa é o dia de buscar água na fonte antes do amanhecer, assim como ovo no galinheiro e fazer remédio e colher ervas de macela para chás medicinais. “A Sexta-feira Santa é um dia muito importante para os católicos, em que tudo é sagrado. E como se a natureza ficasse suspensa à espera de um milagre”, afirma Ferreira.

Antigamente, explica que a sexta-feira tinha mais importância do que o próprio domingo de Páscoa, inclusive para católicos não praticantes era o único dia do ano em que se ia à igreja.

Já sábado, na tradição católica, era o dia de malhar o Judas. Em algumas regiões mais antigas da ilha, como Ribeirão da Ilha, Santo Antônio, Rio Vermelho e Costa da Lagoa, ainda é possível presenciar um boneco de pano amarrado no poste e com as pessoas da comunidade batendo na representação do traidor de Cristo.

Ferreira lembra que a partir das 11h do sábado terminava o luto e as festas já podiam ser realizadas. Tradicionalmente, nos sábados à tarde, os fiéis iam matar o gado que vinha da Serra para depois dividir a carne entre as famílias açorianas e comê-la no almoço do Domingo de Páscoa, celebrando a união e a fartura. “Comer peixe é algo comum e faz parte do dia a dia dos descendentes de açorianos, mas comer carne está mais ligado às festividades”, pontua o historiador.

MARCO SANTOS/ARQUIVONIND



Colheita da macela na Sexta Santa é outro hábito herdado dos açorianos



“Os católicos açorianos e seus descendentes dão muito valor ao período da quaresma, ao jejum e à abstinência de carne, às romarias e aos preparos em torno da Sexta-feira Santa, bem como à família no Domingo de Páscoa.”

Sérgio Luiz Ferreira, historiador



REPRODUÇÃO FACEBOOK/IN

Jovens da comunidade ensaiam para a Procissão do Senhor Morto, realizada nesta Sexta-feira Santa, em São Matheus

Santa Catarina é considerada a 10ª ilha

Cerca de 90% dos habitantes dos Açores são católicos cristãos e há muitos séculos mantêm as tradições da Páscoa. O padre Marco Martinho, nascido na ilha açoriana do Faial, trabalha há 22 anos na Ilha do Pico, atuando nas paróquias da Igreja Matriz de Santa Maria Madalena e na São Matheus.

Martinho também é ouvidor na ilha e reitor do Santuário do Senhor Bom Jesus Milagroso. Uma das tradições mais antigas é a Romaria da Semana Santa da Ilha de São Miguel. O padre explica que “é uma tradição passada de geração a geração, do bisavô ao avô, depois ao pai, até chegar ao filho”. Esse ato religioso tem tanto destaque entre os açorianos que algumas ilhas menores passaram mais recentemente a adotar as romarias, como a Graciosa, a Terceira e São Jorge.

Há três anos não acontecem as romarias por causa da pandemia, por isso os fiéis estão tristes e ansiosos, mas também esperançosos para dar continuidade à tradição. Além disso, as novas gerações de imigrantes de açorianos que foram para os Estados Unidos e para o Canadá no início do século 19 costumam voltar aos Açores para as romarias da Semana Santa.

“Apesar de a imigração dos açorianos para o Brasil ter ocorrido há mais de 300 anos, são muitas as tradições cristãs da Páscoa trazidas pelos franciscanos no período colonial e que se mantêm até hoje, entre elas a Procissão do Senhor dos Passos”, destaca.

O padre açoriano esteve em Florianópolis em setembro de 2003 para a Festa do Divino Espírito Santo, em Santo Antônio de Lisboa. “Sinto uma profunda gratidão e alegria em saber que as tradições religiosas cristãs continuam sendo perpetuadas por seus descendentes açorianos, afinal Santa Catarina é a 10ª ilha dos Açores”, diz.

“Apesar de a imigração dos açorianos para o Brasil ter ocorrido há mais de 300 anos, são muitas as tradições cristãs da Páscoa trazidas pelos franciscanos no período colonial e que se mantêm até hoje, entre elas a Procissão do Senhor dos Passos.”



Marco Martinho,

Padre da Igreja Matriz de Santa Maria Madalena e da Igreja São Matheus, da Ilha do Pico

DIVULGAÇÃO/IN



Procissão do Senhor Morto sai da Igreja São Matheus e percorre nesta Sexta Santa as ruas da Ilha do Pico

As similaridades e as diferenças da Páscoa vivida aqui e lá

“As tradições religiosas e culturais estão muito arraigadas ao nosso povo. São manifestações ricas, com grande significado para Santa Catarina, graças à nossa multiculturalidade. A presença açoriana no litoral catarinense há 274 anos trouxe grande contribuição cultural. A profunda religiosidade é uma característica forte entre a nossa gente e os açorianos”, destaca a socióloga e escritora Lélia Pereira Nunes, membro emérito do IHGSC, titular da Cadeira 26 da Academia Catarinense de Letras, que assina regularmente uma página no Diário dos Açores, além de jornais da comunidade açoriana nos Estados Unidos e Canadá. Atualmente, Lélia é curadora do projeto multiplataforma “Viva Açores, Conheça e Viva!”, do Grupo ND.

A escritora conta que há 34 anos foi pela primeira vez aos Açores e nunca mais deixou de ir anualmente. “Entre este ir e vir constante, já perdi as contas de quantas foram as idas e vindas entre o ‘ca’ catarinense e o ‘la’ açoriano. Acredito que mais de 40 viagens realizei sempre estudando e investigando a história cultural comum e as nossas realidades”, conta Lélia, que é doutora em culturas e literaturas insulares pela Universidade da Madeira e dos Açores.

Para a socióloga, muitos dos usos e costumes da Semana Santa e da

Páscoa já não têm tanta força de expressão e proibições como no passado. No entanto, ainda é possível observar o jejum da carne, quebrado apenas no Sábado de Aleluia e Domingo de Páscoa pelas famílias.

A escritora lembra que no passado não se ouvia rádio nem se fazia atividade doméstica, como varrer a casa ou lavar a roupa. Sem diversões, sem namoros e muito menos casamentos. Era tempo de penitência e silêncio. “Essas proibições perderam força. No entanto, nos costumes do povo é ainda muito comum a malhação do Judas, a coleta de macelas e ervas para chás e até guarda do ‘ovo da Sexta-feira Santa’”, pontua.

Segundo Lélia, uma das tradições sobreviventes é a Procissão da Ressurreição, na madrugada de sábado para domingo ao redor da igreja ou em direção ao cemitério, relembrando a ida das mulheres ao Santo Sepulcro na manhã da Páscoa.



Foliar, o pão onde o ovo é assado inteiro



Lélia em uma de suas viagens para os Açores visita a Ilha do Corvo, a menor do arquipélago

A massa com ovo com casca

“Nos Açores, além das celebrações e rituais, o tempo da Paixão é marcado pelas romarias, sobretudo na Ilha de São Miguel, e pelo costume de fazer os folares – massa sovada doce e com ovos de galinha inteiro, com casca e sem cozer”, explica.

O foliar é assado em forno de lenha. São receitas passadas de geração e com raros registros no litoral catarinense. Os ovos encerrados dentro da massa, como sepultados, renascem à vida na alvorada pascal.

A doutora explica que o foliar açoriano pode ser comparado com o pão pascal ou bolo da páscoa, muito comum na zona rural e nas cidades do interior catarinense, uma tradição de diferentes culturas, simbolizam a partilha do pão e a fertilidade.

O PROJETO VIVA AÇORES DO ND

■ O projeto “Viva Açores, Conheça e Viva!”, do Grupo ND, marca o início das comemorações dos 275 anos do povoamento açoriano, marcadas para janeiro de 2023.

■ Este projeto, que estará em todas as plataformas do Grupo ND, tem a curadoria da professora e escritora Lélia Pereira Nunes e vai contar a saga dos portugueses que atravessaram o Oceano Atlântico para se estabelecer no Sul do Brasil.

■ A atenção aos açorianos se dá em função do reconhecimento de que foram os primeiros colonizadores de Santa Catarina. A identidade açoriana se estende por todo o litoral catarinense, de São Francisco do Sul, no Norte – a terceira cidade mais antiga do país – até Passo de Torres, no Extremo-sul.

■ Um dos principais objetivos do projeto é mostrar e aproximar os Açores de Santa Catarina, despertando o intercâmbio cultural e a prospeção de investimentos bilaterais.

Notícias do Dia

Geral

“Maricultores de Palhoça vão cultivar macroalga”

Maricultores de Palhoça vão cultivar macroalga / Cedap / Centro de Desenvolvimento em Aquicultura e Pesca / Epagri / Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina

NOVA FONTE DE RENDA

Maricultores de Palhoça vão cultivar macroalga

Maricultores de Palhoça recebem na segunda-feira (18) as primeiras autorizações para cultivo de macroalgas *Kappaphycus alvarezii* no município. O cultivo de macroalgas em Santa Catarina vem sendo pesquisado e estimulado há mais de uma década em projetos de pesquisa desenvolvidos em parceria entre o Cedap (Centro de Desenvolvimento em Aquicultura e Pesca) da Epagri (Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina) e UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina).

A entrega das autorizações acontece a partir das 10h30, na praia do Cedro, na Guarda do Embaú, onde estão fazendas de produção de algas e uma unidade de pesquisa da Epagri.

Alex Alves dos Santos, pesquisador da Epagri/Cedap, explica que a produção de macroalgas vem se firmando como uma excelente fonte de renda para maricultores do Estado, que pode ser comercializada na condição de biofertilizante ou para produção de carragenana, usada como espessante pelas indústrias química e alimentícia.

Há mais de uma década, Epagri/Cedap e UFSC desenvolvem estudos para viabilizar a produção da macroalga em Santa Catarina. Em 2009 começaram os cultivos experimentais em Florianópolis, que depois se estenderam para os municípios de Governador Celso Ramos e Penha. Tais ampliações eram condicionantes para a liberação dos cultivos comerciais, impostas pelo Ibama, órgão licenciador de espécies exóticas.

SEGURANÇA AMBIENTAL

A macroalga é nativa de regiões tropicais do continente asiático, como Indonésia e Filipinas, que são os maiores produtores mundiais. Por ser de uma região mais quente, ela não consegue se reproduzir sozinha no Brasil, onde a sua propagação é vegetativa. Isso representa uma importante segurança ambiental, pois garante que a espécie exótica não vai se reproduzir descontroladamente.

No Brasil, os plantios e replantios são realizados com pequenos ramos retirados do vegetal. Os ramos rebrotam e crescem em ciclos que variam de 30 a 60 dias, dependendo da época do ano. No verão os ciclos são menores e vão aumentando à medida que esfria.

Notícias do Dia

Geral

“Laudo da morte de Yara é inconclusivo”

Laudo da morte de Yara é inconclusivo / Yara Filomena Werner da Silva / Clínica Obstétrica e da Coordenadoria de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente / Hospital Universitário Professor Polydoro Ernani de São Thiago / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina

Laudo da morte de Yara é inconclusivo

Técnica de enfermagem teve o *corpo completamente carbonizado*, o que *impediu uma análise* que pudesse apontar o que a matou

O laudo da morte da técnica de enfermagem Yara Werner, de 46 anos, é inconclusivo. Segundo o delegado Ênio Matos, à frente da Delegacia de Homicídios de Florianópolis, o fato de o corpo ter sido totalmente carbonizado impede uma análise que ateste o que a matou.

A informação foi confirmada à reportagem do ND+ na manhã de sexta-feira. Com os laudos inconclusivos, não é possível afirmar se Yara foi assassinada antes ou após ter sido queimada. O delegado ressalta que as investigações continuam. Nenhum suspeito foi preso até sexta.

Na semana passada a Polícia Civil reduziu o número de suspeitos e se aproximou da motivação da morte da técnica de enfermagem. O corpo dela foi encontrado carbonizado em Florianópolis no dia 4 de abril, seis dias após seu desaparecimento.

Yara desapareceu no dia 29 de março e, desde então, diversas mensagens pedindo ajuda para localizá-la foram compartilhadas na internet. O caso começou a ser investigado inicialmente pela DPPD (Delegacia de Polícia de Pessoas Desaparecidas).

Conforme informação trazida pela reportagem do Grupo ND, ao menos 30 boletins de ocorrência ligados a Yara foram identificados pela Polícia Civil.

Por volta do meio-dia do dia 4 de abril, a PMSC (Polícia



ARQUIVO PESSOAL/ND

Yara desapareceu em 29 de março e foi encontrada morta na rodovia Admar Gonzaga, em Florianópolis, em 4 de abril

Militar de Santa Catarina) foi acionada, via disque-denúncia, informando a presença de “algo parecido com um corpo” nas imediações da rodovia Admar Gonzaga, na SC-404.

Ao chegar ao local um cadáver foi encontrado carbonizado e totalmente desfigurado. O corpo foi encaminhado à Polícia Científica (antigo IGP), que atestou a identidade de Yara por meio da arcada dentária.

A profissional de saúde atuava no Hospital Universitário Professor Polydoro Ernani de São Thiago da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), na Capital, desde 2006.

Ela trabalhava no serviço de enfermagem da clínica obstétrica e da coordenadoria de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente. Yara deixou três filhos, que estão sob os cuidados do marido. A família mora no bairro Trindade.

Na semana passada a Polícia Civil reduziu o número de suspeitos e se aproximou da motivação da morte da técnica de enfermagem.

Notícias do Dia

Serviço

“Mestrado da UFSC recebe novas inscrições”

Mestrado da UFSC recebe novas inscrições / Programa de Pós-Graduação em Desastres Naturais / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina

Desastres Naturais

Mestrado da UFSC recebe novas inscrições

O Programa de Pós-Graduação em Desastres Naturais da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) está com inscrições abertas para o processo seletivo do mestrado profissional.

Serão nove vagas, sendo seis delas destinadas à ampla concorrência e três para ações afirmativas (duas para candidatos negros, pardasos e indígenas, e uma vaga para portadores de deficiências). A seleção acontecerá no mês de maio, com ingresso no curso começo de junho deste ano.

O mestrado visa qualificar profissionais para atuação técnica, em desenvolvimento de pesquisas e na gestão de riscos e desastres naturais. A qualificação nessa área é fundamental para ampliar a capacidade de enfrentamento dos desastres naturais no Brasil.

As inscrições devem ser feitas até o dia 6 de maio através do site: <https://capg.sistemas.ufsc.br/inscricao>. Para quem quiser mais informações basta entrar em contato pelo e-mail: ppgdn@contato.ufsc.br.

“Ricardo Hoffmann toma posse na Academia Catarinense de Letras”

Ricardo Hoffmann toma posse na Academia Catarinense de Letras / ACL / Técnico em Assuntos Educacionais / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina

>> CULTURA & COMPORTAMENTO | LITERATURA

RICARDO HOFFMANN TOMA POSSE NA ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS

Criciumense ficou conhecido nacionalmente com o primeiro romance “A Superfície”, publicado em 1967

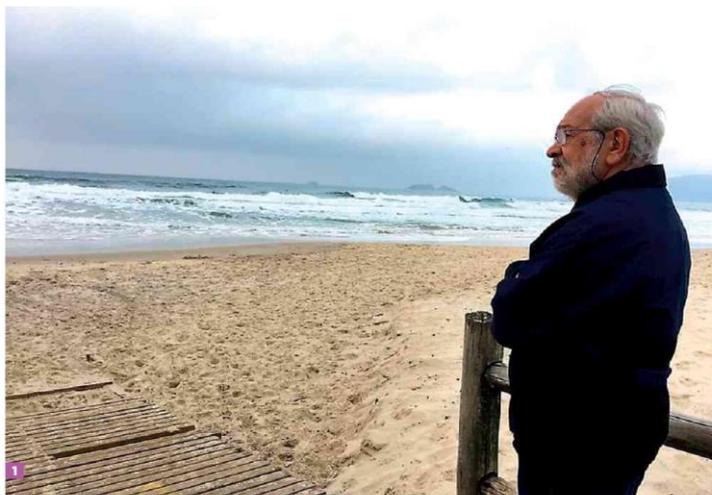
GISELE KAKUTA MONTEIRO

O escritor Ricardo Hoffmann torna-se imortal da Academia Catarinense de Letras, homenagem a uma vida dedicada à literatura. Eleito em dezembro para suceder Silveira de Souza na cadeira 33, a cerimônia de posse acontece na próxima terça-feira, dia 19, no Palácio Cruz e Sousa, em Florianópolis. O romance de estreia, “A Superfície” (1967), foi considerado pela crítica nacional como um dos melhores do gênero e o catarinense conquistou projeção nacional.

Natural de Criciúma, nasceu em outubro de 1937 e passou a infância em Blumenau. A mãe Maria Mathilde escrevia poesias. O pai dedicou-se à música e à pintura. Hoffmann chegou a concluir a graduação em Direito, mas seguiu o caminho dos pais. Ao lado da esposa Marilza, com quem foi casado por 50 anos, também transmitiu às filhas desde pequenas o gosto pela literatura, acompanhando-as nos primeiros passos da leitura de clássicos, como Lewis Carroll.

Ele mesmo deu vida a personagens – animais, plantas, objetos – que falavam com as crianças. Após publicar o segundo romance, “A Crônica do Medo” (1972), escreveu uma série de livros infantis. “O Trenzinho Fora da Linha” foi o primeiro deles, publicado em 1987, seguido por “O Circo das Plantas” (1988) e “O Hotel dos Bichos Desamparados” (1988). Em 1990, em “Pequeno Coração” contou a história do casal de beija-flores Tzin e Tzian, que teve o ninho com ovinhos retirado por homens que destruíram o jardim que os abrigava, uma temática bastante atual.

Do singelo mundo infantil e dos romances elaborados, a trajetória de Hoffmann se estende ainda a outros temas contemporâneos relacionados à sociologia do desenvolvimento e gestão universitária, área que fez mestrado e extensão e trabalhou como técnico em assuntos educacionais da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Também foi coordenador de análise do mercado de trabalho do Ministério do Trabalho, em Brasília, e um dos planejadores do



WISSA/IMAGENS/ISTOCK

Sistema Nacional de Emprego (Sine).

Em 2016, lançou o ensaio “Conhecimento & Ação”, que reuniu artigos desde 2006 abordando a importância da democracia informacional. Os jornais “Diário Catarinense”, “O Estado”, “Correio Brasileiro” e “O Estado de S. Paulo” publicaram alguns dos artigos de Hoffmann.

Na comemoração dos 80 anos de vida, presenteou os leitores com o lançamento da “Casa da Matéria” (2018), coletânea de 14 poesias da década de 1970 e selecionadas para o 1º Concurso de Poesia de Florianópolis, em 1977. Por todo o conjunto da obra, foi homenageado com o Prêmio da Academia Catarinense de Letras, em 2020. A seis meses do 85º aniversário, dedicado a artigos para o blog dele e com textos inéditos, retorna agora à ACL como imortal.

1 Eleito em dezembro para suceder Silveira de Souza na cadeira 33, a cerimônia de posse acontece na próxima terça-feira, dia 19, no Palácio Cruz e Sousa, em Florianópolis

2 Natural de Criciúma, nasceu em outubro de 1937 e passou a infância em Blumenau



Notícias do Dia

Fabio Gadotti (Interino: Daniel Huguen)

“Volta às aulas na UFSC”

Volta às aulas na UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Reitoria /
Covid-19

Volta às aulas na UFSC

A partir de segunda-feira a Universidade Federal de Santa Catarina volta a ter aulas totalmente presenciais, após dois anos de inércia. É o último estágio do programa de retomada da UFSC. Expectativa grande de diversos setores para a volta à normalidade e a intensa movimentação no entorno da universidade. Acerta a reitoria em determinar que para participar das atividades alunos, professores e técnicos precisam estar com o ciclo vacinal da Covid-19 completo.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

16/04/2022

[Escolas têm até outubro para incluir história de mulheres de SC no currículo](#)
[Tradições açorianas da Páscoa e ligação com SC são tema de estudo; confira](#)
[Expectativa para o retorno das aulas presenciais na UFSC](#)
[Entrega de cestas de alimentos no Morro do Mocotó integra evento de comemoração de dois anos do Programa Orgânico Solidário](#)
[Denúncias abalam imagem, mas não devem afetar candidatura de militares](#)
[Estudo da UFSC mostra polvos usando lixo como abrigo no fundo do oceano](#)

17/04/2022

[Prefeitura de Florianópolis estuda criação de corredor exclusivo de ônibus na UFSC](#)
[O risco das falsas controvérsias científicas para as políticas ambientais brasileiras](#)
[Deusa 'pagã', festa e cristianismo: as transformações na tradição da Páscoa](#)
[Março fecha com nova queda nos testes positivos de Covid em farmácias](#)
[Pré-candidaturas pró-armas somam mais de 50 nomes em 2022](#)